



A Santa Sé

MENSAGEM DO SANTO PADRE AO MOVIMENTO LAICAL DOS TERCIÁRIOS MÍNIMOS

Caríssimos Terciários Mínimos!

1. Na ocasião do V Centenário da aprovação da Primeira Regra, com a qual tomava forma jurídica o Movimento laical dos Terciários Mínimos, quisestes pedir-me, através do Superior Geral da Ordem, Pe. José Fiorini Morosini, uma palavra de encorajamento para prosseguir no caminho de fé e de compromisso apostólico em plena comunhão com a Sé de Pedro. Acolho de boa vontade este vosso desejo e faço votos para que vos mantenhais sempre na mais generosa fidelidade à Igreja e aos seus Pastores, como é próprio do vosso Movimento, desde que, no dia 1 de Maio de 1501, com a bula *Ad ea quae*, o Papa Alexandre VI, acolhendo o pedido do eremita Francisco de Paula, aprovou a primeira redacção da Regra dos Frades Mínimos da Primeira Ordem e nasceu, assim, oficialmente, o vosso movimento laical de Terciários de fr. Francisco de Paula.

No fim do século XV, o Eremita de Paula apareceu a todos como insigne promotor da reforma da Igreja. Alguns entre a nobreza e o povo, sem renunciar à sua actividade e ao estado conjugal, pediram para partilhar mais de perto o seu compromisso penitencial. Para lhes permitir a participação nos privilégios e benefícios espirituais concedidos pelo Papa aos Irmãos, o Paulano, durante o Ano Santo de 1500, amadureceu a ideia de escrever de novo a Regra para os religiosos e de redigir uma totalmente nova para os fiéis que o tinham escolhido como guia e mestre de vida espiritual. Os Terciários Mínimos quiseram empenhar-se, juntamente com os Frades, num particular testemunho de penitência evangélica, que se exerceu fundamentalmente mediante o retomar da antiga forma da disciplina penitencial, assinalada no século XV por profunda crise.

Na história plurissecular das Ordens Terceiras seculares, a aprovação da vossa Regra constitui um interessante sinal de novidade: nunca tinha acontecido, de facto, que as Regras da Primeira e da Terceira Ordem tivessem sido compostas ainda no tempo do próprio fundador, definindo assim, desde o princípio, relações e carismas.

Como em todos os momentos de mudança, também hoje a Igreja pede aos crentes a indispensável conversão das consciências, que pode garantir a renovação da sociedade. Não foi, porventura, sob o símbolo da penitência e da conversão que celebrámos o Grande Jubileu do ano 2000, há pouco concluído?

2. É nesta mesma perspectiva que vos convido a comemorar a feliz data do vosso centenário, redescobrimo o valor e a actualidade da vossa Regra. Ela começa com o convite solene para tomar a sério o caminho evangélico, garantia de autêntica felicidade: *"Se queres entrar na vida, observa os mandamentos"* (Mt 19, 17); cf. *Regra*, cap I). É este o ponto de partida para quem decide meter-se na sequência de Jesus, aceitando a radicalidade evangélica, que não se contenta com uma honestidade natural, mas exige decisões corajosas, não raro em contraste com o sentir comum. Nisto, segui o vosso Fundador, que foi apontado pela Igreja como *imitador ardentíssimo do nosso Redentor* (cf. Alexandre VI, *Ad fructus uberes*, 20 de Maio de 1502).

Muito a propósito aparece hoje a proposta penitencial da vossa Regra, fundada sobre a espiritualidade "quaresmal", verdadeira novidade do carisma da família dos Mínimos, que vós partilhais. O meu predecessor Alexandre VI, aprovando simultaneamente a vossa Regra e a dos Frades da Primeira Ordem, desejou apresentar à Igreja um estilo evangélico baseado sobre a penitência, segundo um itinerário caracterizado pelos *ensinamentos salutares de fr. Francisco de Paula* (cfr. Bula *Ad ea quae*). É propriamente no esforço penitencial de conversão que vós encontrais hoje a actualidade e originalidade da vossa missão eclesial.

O convite a fazer penitência, dirigido por Jesus no início da sua pregação (cfr. *Mc* 1, 15), coloca os baptizados na condição de estar no mundo sem ser do mundo. Por isso, a vossa regra (cfr. cap. IV) vos lembra, com as palavras do apóstolo João, o distanciamento afectivo do mundo: *"Não ameis o mundo, nem as coisas do mundo"* (*I Jo* 2, 15); e com São Tiago recorda-vos que *"quem quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus"* (4, 4). A exortação clara para fugir *da usura, dos contratos ilícitos e de toda a forma de avareza* (cf. *Regra*, cap. I) mostra como o Fundador tinha, então, a percepção clara das mudanças que se operavam na sociedade; mudanças que tinham criado, fora da óptica evangélica, os desequilíbrios sociais e económicos, de que ainda hoje nos lamentamos.

Como são úteis, ainda hoje, as sábias sugestões do eremita penitente, Francisco de Paula: *"A glória deste mundo é falsa e as riquezas fugazes. Feliz aquele que pensa numa vida boa, mais do que longa; feliz o que se preocupa mais com uma consciência pura do que com uma caixa cheia"* (*Regra*, cap. IV).

3. O Concílio Vaticano II ensina quão necessária é a liberdade interior, que não impede o compromisso no mundo, nem a vontade de o servir e salvar (cf. *Gaudium et spes*, cap. IV), a exemplo de Jesus (cf. *Mt* 9, 36). Assim, é precisamente na força desta "distância amorosa" que os cristãos podem mostrar a razão da esperança que a fé em Jesus, único Salvador, lhes dá (cf. *I Pd* 3, 15), ensinando-os a ser "bons samaritanos" nesta nossa sociedade (cf. Paulo VI, *Homilia para o encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II*).

Tudo isto implica sacrifício, porque pede para nos mortificarmos e cortarmos aqueles laços que pedem para nos tornarmos escravos do mal. Nasce daqui a importância do combate espiritual, que se realiza na oração, na contemplação do rosto de Cristo e na ascese interior. O vosso Fundador orientou-vos pelo caminho da ascese, pedindo-vos este empenho espiritual como condição necessária para pertencer à Ordem: "*Quem quiser combater por Deus neste género de vida deve dominar a sua carne*" (*Regra*, cap. V). Depois, ele recordou, como apoio das prescrições da Regra, as palavras do apóstolo Paulo: "*Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno*" (*Col* 3, 5), porque "*se viverdes segundo a carne morrereis; mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis*" (*Rm* 8, 13).

O compromisso requerido pela vossa Regra não vos fecha numa espiritualidade intimista, mas, fazendo apelo à vossa peculiar missão penitencial, lança-vos na partilha do que é vosso com os irmãos mais necessitados. Todo o baptizado é convidado a inspirar-se nesta constante tensão religiosa da Igreja. São Francisco de Paula, sequaz e imitador dos antigos Padres, uniu muito sabiamente num único discurso, na Regra que vos deixou, o jejum, a abstinência e as obras de misericórdia (cf. *Regra*, cap. V), dando-vos assim, na unidade do carisma que partilhais com os Frades e as Monjas, a preferência pelo compromisso de uma caridade operante. Acolhei, caríssimos Terciários Mínimos, o convite que dirigi a toda a Igreja, a dar espaço a uma nova fantasia da caridade (cf. *Novo millennio ineunte*, 50), considerando as exigências que já descobristes na procura feita em comum com os Religiosos da Primeira Ordem. Não podemos partir e fazer-nos ao largo no início deste novo milénio, sem nos tornarmos mais atentos às necessidades dos irmãos: "*A caridade das obras assegura uma força inequívoca à caridade das palavras*" (*Ibid*, 1). Aprendei do vosso Fundador a admirável síntese entre a dimensão contemplativa e o testemunho da caridade, que ele desenvolveu mediante um apostolado de acolhimento de quantos a ele recorriam, confiantes de encontrar compreensão e partilha. Ele soube entrar em sintonia com todos os necessitados, aflitos do corpo e do espírito.

4. A alegre celebração deste V Centenário oferece-vos a oportunidade de ser protagonistas privilegiados da nova evangelização. Não tenhais medo diante das dificuldades, porque a Regra vos indica os meios necessários para ser fortes e proceder com segurança. Ela propõe-vos, antes de tudo, a oração como *sacrifício de louvor a oferecer diariamente a Deus* (cf. *Regra*, cap. II), para que possais distinguir-vos "*naquela arte da oração*" (cf. *Novo millennio ineunte*, 32), que expus a todas as comunidades cristãs, a fim de que a acção pastoral *seja profundamente enraizada na contemplação e na oração* (*Ibid*, 15).

Está, pois, no vosso código de vida a exortação a cuidar *a purificação da consciência* com o sacramento da Reconciliação. As expressões usadas a propósito conservam todo o seu encanto, apesar de estarem ligadas a uma espiritualidade distante do nosso modo de sentir: "*Jesus Nazareno - escreve ele - todo cheio de flores, para quem a alegria é estar com os filhos dos homens, deleita-se com as flores da virtude*" (Regra, cap III). É, por fim, o convite à participação na Eucaristia, na qual encontrais a fonte da vossa fidelidade. As palavras do Fundador merecem ser recordadas pela sua força expressiva: "*A escuta quotidiana da Missa seja para vós um conselho salutar, a fim de que, munidos das armas da Paixão de Cristo, que se recorda na Missa, possais ser fortes e sólidos na observância dos mandamentos de Deus.*"

Ouvindo a Missa rezareis também para que a morte de Cristo seja a vossa vida, o seu sofrimento o alívio das vossas dores, a sua canseira o vosso repouso eterno" (Regra, cap. III). Por conseguinte, ao meditar longamente a vossa regra, encontrareis um novo estímulo para dar ainda mais valor ao sacramento da Reconciliação e à Missa dominical.

5. Por conseguinte, espero que o V Centenário vos leve a uma mais íntima descoberta do precioso código de vida espiritual, que São Francisco de Paula vos deixou. Fazei-o como simples cristãos empenhados no mundo. Fazei-o como comunidade, testemunhando que é possível edificar uma *fraternidade universal*, segundo o projecto divino. As vossas associações locais chamam-se "Fraternidade", no interior das quais os irmãos são chamados a ser instrumentos de perdão, de reconciliação e de paz (cf. *Regra*, cap. VII).

Participando com os Irmãos da Primeira Ordem e com as Monjas da Segunda Ordem no mesmo carisma, encontrais com eles formas de colaboração e de partilha apostólica. A participação de uma vossa delegação no último Capítulo Geral da Primeira Ordem coroou um louvável caminho iniciado há já alguns anos, de acordo com o que eu sugeri e desejei após o Sínodo sobre a vida consagrada (cf. *Vita consecrata*, 56). Continuai este caminho rumo a uma partilha ainda mais plena do vosso carisma comum.

Acompanhe-vos a Virgem Maria, Mãe da Igreja e apoio da nossa esperança. Por meu lado, asseguro-vos uma recordação na oração e, enquanto invoco sobre os vossos propósitos e sobre o vosso empenho a protecção do Fundador São Francisco de Paula e dos santos Padroeiros, também Terciários Mínimos, São Francisco de Sales e Santa Joana de Valois, abençoo-vos do coração.

Vaticano, 1 de Maio de 2001.